

Sentar ou deitar no meio da rua, fazer passeata, promover reuniões dentro e fora da escola, tentar uma conversa com a direção do estabelecimento. Vale tudo para protestar contra o aumento das semestralidades escolares, que têm levado pais e alunos ao desespero. E ontem aconteceu tudo isso em São Paulo: cerca de dois mil alunos do Colégio Objetivo e da Faculdade de Comunicação Social Cásper Líbero fecharam a avenida Paulista durante a manhã. A avenida Celso Garcia também ficou com o trânsito paralisado por causa da manifestação dos alunos do Colégio Lavoisier, do Tatuapé. Uma comissão de alunos das Faculdades Metropolitanas Unidas, Fiam e FAM, foi até o Procon entregar uma série de reclamações contra a direção da escola, e os alunos da Fesp — Faculdades de Engenharia São Paulo — realizaram assembléia em frente ao portão da escola na avenida 9 de Julho. Em todos esses protestos, um motivo comum: aumento das semestralidades.

Carregando faixas de protesto, os alunos do Objetivo-Vergueiro reuniram-se aos da Paulista às 8 horas. Em seguida, sentaram na avenida. O trânsito ficou infernal. A polícia fechou a Paulista desde a alameda Joaquim Eugênio de Lima até a Pamplona. O tráfego só foi liberado às 12h30, quando os alunos resolveram dispersar provavelmente por causa da fome.

Em meio a muitas brincadeiras, um protesto com vários itens: o aumento das mensalidades, embora os alunos nem saibam exatamente de quanto ele foi — a falta de segurança dos prédios (segundo eles, se ocorrer um incêndio como o da Cesp, eles viram "churrasco"), a higiene dos banheiros e a repressão em excesso. Contaram que havia um inspetor filmando a manifestação e que todos os participantes "seriam identificados e expulsos da escola". Queixaram-se dos preços dos cadernos — Cz\$ 750,00 o lote de quatro — da demora na entrega dos boletins e do preço da aula de recuperação, Cz\$ 300,00.

Como se tudo não passasse de uma festa, fizeram uma "pirâmide humana", queimaram boletins e cadernos no meio da avenida.

Pego de surpresa no colégio Objetivo de Brasília, João Carlos Di Gênio, presidente da rede de escolas Objetivo, ficou preocupado com as manifestações. Mas ao chegar a São Paulo e ver a circular com as explicações sobre o aumento das semestralidades distribuída pela direção da escola, acalmou-se: "Pensei que pudesse haver algum engano, mas está tudo correto. Acho que tudo não passou de mal-entendido, porque a circular deve ter sido entregue aos pais, não aos alunos. Eles não souberam entender a coisa", explicou.

Recessão

Di Gênio afirmou que até agora o Objetivo foi a escola que menos cobrou de seus alunos — "apenas 129% de aumento sobre a segunda semestralidade de 1986" — e avisou que já entrou com pedido junto ao Conselho Estadual de Educação para um aumento de 170% no segundo semestre. Na circular entregue aos alunos a direção da escola avisa que "a correção da semes-

EDUCAÇÃO

Mensalidade escolar: protestos na Paulista, no Tatuapé, na 9 de Julho...

Contra os aumentos



Em frente ao prédio da Gazeta, a manifestação dos alunos da Cásper Líbero e do Objetivo.

Mais protestos hoje, com ruas interditadas e tudo.

As manifestações contra o aumento das semestralidades continuam hoje: os alunos do Colégio Objetivo prometem prosseguir com o protesto

iniciado ontem nas sete unidades da escola espalhadas pela cidade (av. Paulista, 900; rua Carlos Vicari, 124-Pompéia; rua Gaspar Lourenço, 25-Aclimação; av. Duquesa de Goiás, 262-Morumbi; rua Luís Góes, 2.211 e rua Apeninos, 267-Vergueiro; rua Ferreira de Araújo, 809-Pinheiros).

Os alunos de sete escolas particulares de 1º e 2º graus e cursos supletivos de Osasco também garantem uma grande passeata saindo às 19h30 do largo de Osasco até o Paço Municipal da cidade, passando pelas ruas João Batista, Antônio Agu e avenida Autonomistas. As escolas participantes são estas: Fernão Dias Paes, Aplicação, Haia, Seta, Continental Padre Anchieta e Pinheiro Machado. Durante a passeata, os alunos distribuirão carta aberta explicando o objetivo da manifestação: não pagamento das mensalidades, aulas normais com movimento pacífico e organizado e não pagamento de desfasagem estipulada pelos donos de escolas.

Quase no mesmo horário, às 19 horas, no outro lado da cidade também haverá estudantes nas ruas. São os alunos do conglomerado FMU/FIAM/FAAM — a escola possui 20 mil alunos matriculados — que realizam um ato público na avenida Liberdade, 654, em frente ao prédio da FMU-Pedagogia, saindo em passeata até a rua Taguá, 150, onde fica a presidência da instituição, para protestar contra os aumentos abusivos das semestralidades. Os alunos pretendem conversar com a diretoria da escola que, segundo eles, tem-se recusado a falar sobre a questão.

Além disso, a UNE — União Nacional dos Estudantes — está convocando para este sábado, às 15 horas, uma reunião de entidades de escolas particulares para discutir o que fazer diante da realidade das escolas. A UNE fica na rua Vergueiro, 2.485, na vila Mariana. Também está marcado para os dias 4 e 5 de julho, em Brasília, uma reunião nacional de entidades de escolas particulares.

Lavoisier

Os alunos do Colégio Lavoisier, do Tatuapé, também paralisaram suas atividades ontem e foram para a rua protestar. O motivo: no começo do ano letivo, ao fazerem a matrícula, eleitos em assembléia dos estudantes, chamados de "bandeiristas e subversivos". Inconformados com essa situação, os alunos fazem hoje um ato público na porta da escola.

Fesp

Já os dois mil alunos das Faculdades de Engenharia de São Paulo resolveram pela briga na Justiça. Ontem à noite, eles realizaram mais uma assembléia, onde reafirmou-se a continuidade do pagamento das mensalidades em juízo (em juízo, eles pagam apenas com os 35% de aumento autorizados pelo MEC, mas os 15% negociados com a escola). Ao mesmo

tempo, entraram com processo contra a faculdade junto à 3ª, 5ª e 15ª Varas da Fazenda Estadual, alegando a inconstitucionalidade da deliberação do CEE pela liberdade vigiada dos preços das escolas, "pedindo ao MEC que estabeleça ele próprio o índice de reajuste, porque liberdade vigiada é o salve-se quem puder".

Segundo Paulo Eduardo Carvalho de Almeida, do 5º ano de Engenharia, os alunos esperam ganhar a causa baseados em parecer do jurista Eli Lopes Meirelles, que diz que os atos do CEE são inconstitucionais.

Os alunos denunciaram, ainda, o clima de repressão existente nas faculdades. Segundo eles, os cartazes convocando reuniões dos alunos são arrancados, os auditórios são fechados e os membros da comissão, eleitos em assembléia dos estudantes, chamados de "bandeiristas e subversivos". Inconformados com essa situação, os alunos fazem hoje um ato público na porta da escola.

Fesp

Já os dois mil alunos das Faculdades de Engenharia de São Paulo resolveram pela briga na Justiça. Ontem à noite, eles realizaram mais uma assembléia, onde reafirmou-se a continuidade do pagamento das mensalidades em juízo (em juízo, eles pagam apenas com os 35% de aumento autorizados pelo MEC, mas os 15% negociados com a escola). Ao mesmo

Rita de Biagio

Porto Alegre — Muitas das 48 instituições particulares de ensino superior do Rio Grande do Sul correm o risco de fechar suas portas por tempo indeterminado, caso não possam repassar às mensalidades os reajustes dados aos professores e funcionários. O alerta foi feito ontem em Porto Alegre pelo presidente da Associação de Escolas Superiores de Formação de Profissionais de Educação do Estado, Norberto Rauch. A Universidade de Passo Fundo já suspendeu as aulas de seus 35 cursos devido a uma liminar ganha na Justiça pelos estudantes, impedindo a instituição de aumentar as mensalidades em 128%, permitindo apenas o reajuste de 35% concedido pelo governo federal.